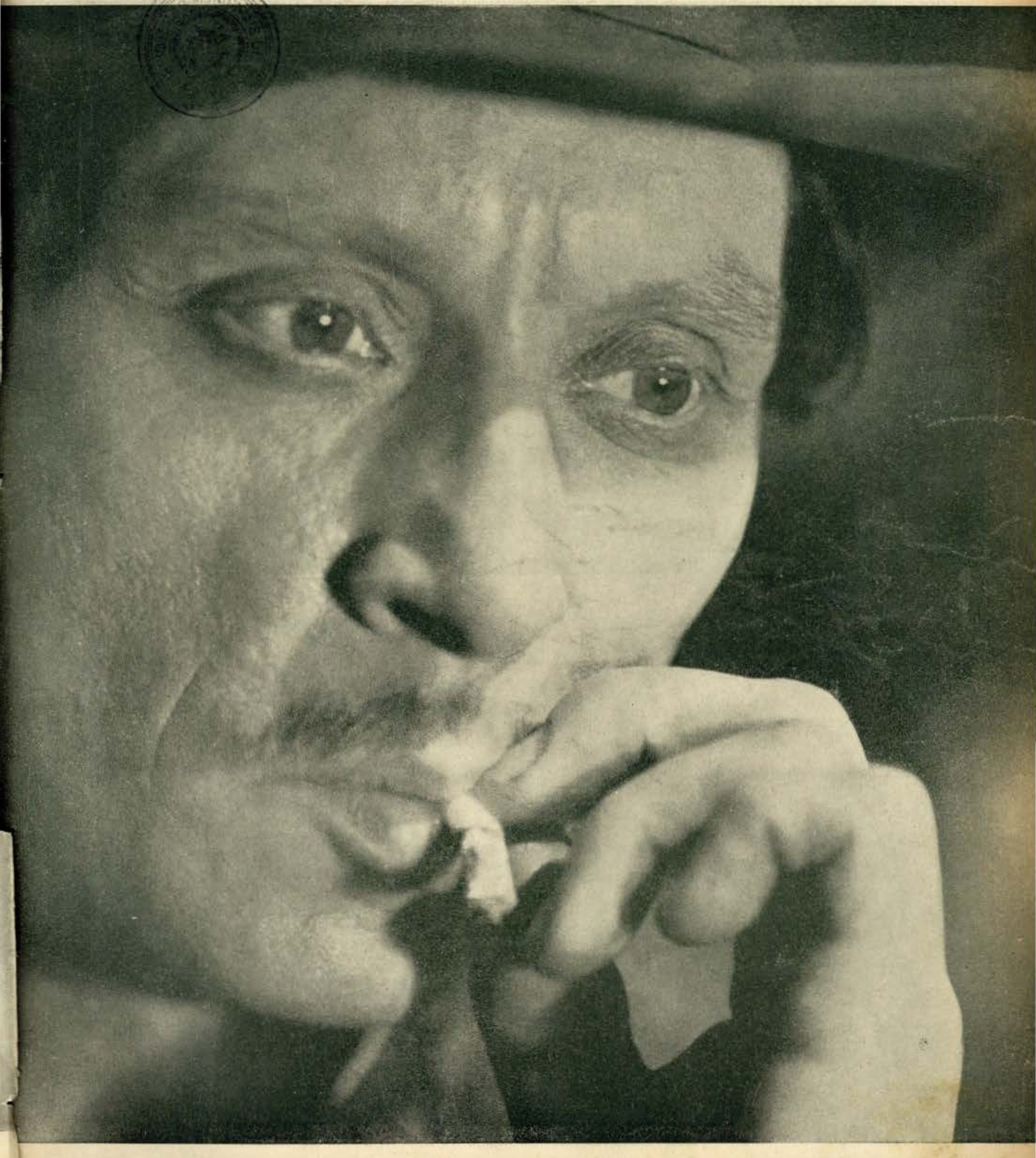
Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



Uma expressão notável de LOUIS JOUVET, um dos intérpretes do grande filme «A CARROÇA FANTASMA» que se estreia sexta-feira no EDEN

2.ª SÉRIE — N.º 43 — PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS — LISBOA, 1 DE SETEMBRO DE 1941 — PREÇO: 1$50



O ÚLTIMO CENÁRIO DE «O PAI TIRANO»



«O Pai Tirano» acabou, como costuma dizer-se e sempre deve fazer-se, com «chave de ouro». As últimas cenas filmadas para a primeira produção de António Lopes Ribeiro foram as de maior imponência e figuração e também as que decorrem em ambiente mais rico e sumptuoso.

O último cenário do «Último dos Almeidas» era um palacete da Estrêla concebido, executado e mobilado por Roberto de Araújo dirigindo o talento e o engenho de Silvino Vieira, Américo Leite Rosa e Francisco Duarte.

Os «Grandes Armazéns Alcobia» forneceram à «Prod. A. L. R.» algumas das suas peças mais sumptuosas e valiosas para mobilar o salão, átrio e corredor do rico «palacete». E, a brincar a brincar, ou, melhor: a filmar a filmar, estavam dentro dos estúdios da Tobis em carpettes, espelhos, lustres, cómodas, armários, faianças, porcelanas, quadros, arcas etc.... umas centenas de contos.

No teatro dos Grandelinhas à caricatura da acção juntava-se a caricatura do ambiente. Não eram só os actores que faziam cómico: o cenário representava também e com intenção de fazer rir. No último cenário de «O Pai Tirano» o efeito é diferente e mais atrevido.

A caricatura dum grupo de amadores dramáticos que são obrigados a representar «fidalgos» num palacete cai na austeridade e gravidade do cenário, tratado a sério até ao último pormenor.

O efeito que António Lopes Ribeiro, Vasco Santana e Ribeirinho — autores do argumento e diálogos de «O Pai Tirano» tiraram desta situação faz com que as cenas aí desenroladas sejam das mais cómicas a que o público em todos os tempos tem assistido.

2.ª série / N.º 43 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 4 8276 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL - Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

1 de Setembro de 1941
PREÇOS DA ASSINATURA
Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef P. A. B. X. 27507) — LISBOA

CINEMA PORTUGUÊS

Três filmes em montagem e um em preparação

Apagaram-se os últimos projectores que iluminaram as últimas cenas para «O PAI TIRANO». A câmara de filmar voltou de novo às malas. Tudo se quedou. Pensar-se-á:

Estaremos de novo parados à espera dum filme? Sim!

Será mais um ano de inactividade? Não!

Dentro de dias voltar-se-á a filmar. A 15 dêste mês fixará a câmara a primeira imagem do «Pátio das Cantigas».

Por agora, prepara-se a construção dos cenários e o plano de trabalho do 2.º filme da Produção António Lopes Ribeiro.

Mas há muito trabalho, embora não se dê por isso. Montam-se três filmes: «Ala, Arriba!», «Lôbos da Serra» e «O Pai Tirano».

Na montagem de «Ala, Arriba»

Saint Leonard, o montador francês que a Tobis Portuguesa contratou para fazer a montagem de «Ala, Arriba!» não perde tempo. Êle e Regina Frois ajudados por Óscar Acúrcio aproveitam, ao máximo, o horário de trabalho. Nadam num mar de celuloide que contém mar, mas do autêntico, daquele que rouba vidas aos lares pobres. Aqui uma onda alterosa, ali um céu tenebroso, além um rosto de mulher onde se encontra estampado o terror e mais além muito longe, no filme, um barco que naufraga.

São milhares de metros de filme, numa babilónia de planos, de motivos e de pormenores. Há que ligá-los. Há que animá-los; dar-lhes vida. A vida dos poveiros, gente humilde e sofredora.

É uma romaria, um bando de ciganos, um barco, uma igrejinha, um rosto, um sino, uma onda, o mar, a areia, o céu: A vida dos pescadores da Póvoa.

Saint Leonard vê o filme atrás da lupa, corta e cola. Regina Frois, conhecedora do seu trabalho («Ala, Arriba!» é o seu décimo primeiro filme), investiga, selecciona e dispõe à mão de semear quilómetros de filme. Óscar Acúrcio facilita o trabalho. E «Ala, Arriba!» vai aparecendo, aos poucos e poucos e qualquer dia estará em exibição nos cinemas.

O «último» plano de «Lôbos da Serra»

Há dias demos com Jorge Brum do Canto, de bata branca (é êste, agora o seu hábito), a dirigir uma filmagem para o seu filme «Lôbos da Serra». E nós, que estavamos convencidíssimos que «Lôbos da Serra» se encontrava no final da montagem, não podemos deixar de lamentar a fase em que Jorge Brum do Canto se encontra: aquela tremendíssima fase em que o filme parece nunca mais ter fim. São planos a refazer; são planos novos a fazer. Pequenos pormenores: uma nuvem, um passarinho, uma mão, uns pés que andam, etc. Mas Jorge Brum do Canto com grande soma de paciência vai concluindo o seu trabalho. Como estavamos dizendo, assistimos a uma filmagem de «Lôbos da Serra» e confessamos que nos surpreendeu agradàvelmente a representação de Carlos Otero, um jovem estreante, de quem não é preciso dizer que há muito a esperar.

É curiosa a história de Carlos Otero e num próximo número revelá-la-emos aos nossos leitores, pois é digna disso. Para hoje, lembramos a conveniência em fixar o nome de Carlos Otero, que tem um importante papel em «Lôbos da Serra» e que irá interpretar uma personagem no 2.º filme da Prod. A. L. R.

Salazar Diniz, assistido por João Macedo, fotografou o último plano de «Lôbos da Serra» cuja montagem se encontra bastante adiantada.

O «adeus» de «O Pai Tirano»

Informou-se, no último número de «Animatógrafo» que se encontravam quási concluídas as filmagens de «O Pai Tirano». De facto, numa das noites da última semana, terminaram-se as filmagens do primeiro filme da Prod. A. L. R. Foi na quinta-feira. Durante o dia, num exterior, construído no Estúdio da Tobis Portuguesa, com rua empedrada e harmoniosamente decorada por Américo Leite Rosa, que se está a revelar um bom elemento do Cinema Português e que é um dos assistentes de Roberto Araújo, arquitecto-decorador de «O Pai Tirano» que se encontra a preparar os cenários de «O Pátio das Cantigas», filmaram-se alguns planos em que intervieram: Vasco Santana, Ribeirinho, Leonor Maia, Luiza Durão, Barroso Lopes, Armando Machado e Reginaldo Duarte.

Eram nove horas da noite quando principiou a preparação da última cena a filmar para «O Pai Tirano» e que é também a última cena do filme. Durante o dia, uma equipa de electricistas e carpinteiros tinham montadas as pontes e instalados os projectores. Foi o maior campo de acção que se iluminou para «O Pai Tirano».

O cenário que era natural, constava de uma parte dos edifícios que marginam a Alameda das Linhas de Tôrres. A pouco e pouco foram chegando os artistas que saiam das mãos de António Villar, considerado muito justamente o caracterizador n.º 1 do Cinema Português, e que tem em «O Pai Tirano» algumas caracterizações notáveis. Mais tarde, já pela noite adiante surgiram viaturas de bombeiros, polícias, populares e espectadores do Teatro dos Grandelinhas. O que teria havido? Nada mais, nada menos do que um alarme de incêndio.

Era quási manhã, quando se deu por concluída a filmagem. «O Pai Tirano» estava pronto. Agora, nos laboratórios da Lis-

(Conclui na pág. 6)



Na rua dos cartazes, um cenário construído nos anexos da Tobis Portuguesa, prepara-se uma das cenas de «O Pai Tirano»

À Margem das Fitas

POR ... FARIA DA FONSECA

Frank Morgan, actor cómico de mérito indiscutível, publicou, há tempos, um folheto sôbre a Arte de Rir, do qual transcrevemos as 10 regras, que êle supõe fundamentais para se levar a vida com mais saúde e alegria. Aconselha êle:

1.° — Deveis ter a precaução de escolher amigos que saibam rir. Quem se faz rodear de gente sisuda, corre o risco de tomar a vida demasiado a sério:

2.° — Recordai, a todo o momento, os chistes ouvidos. Enquanto pensais nêles, estais livres de piores recordações.

3.° — Procurai ser, de vez em quando, um pouco loucos. Não quere isto dizer que alugueis um quarto no manicómio. Fazei coisas sem importância que saiam da normalidade, da regularidade.

4.° — Usai roupa leve e alegre. Quem assim veste, sente a vida menos pesada e mais prazenteira.

5.° — Pregai partidas aos vossos amigos. Mas acautelai-vos sôbre o que fazeis e a quem o fazeis. Perder um amigo, por uma partida de mau gôsto, é indesculpável.

6.° — Lêde as páginas cómicas dos jornais e das revistas. Embora, a maior parte das vezes, a comicidade dessas páginas esteja apenas no título ou na intenção, muitas delas fazem rir.

7.° — Não vos tomeis, a vós próprios, muito a sério. Lembrai-vos de que as vidas são curtas e de que só se vive uma vez. Se vos rirdes de vós próprios, tornar-vos-eis menos pessimistas e mais tolerantes, para com os outros e para com os revezes da vida. Não vos exalteis, nem mesmo convôsco; isso não resolve problemas; complica-os.

8.° — Procurai motivos para vos rirdes; não espereis por êles. Quem precisa dum chapéu ou dum par de sapatos, vai comprá-los. Fazei o mesmo com o riso. Ide ter com êle. Não espereis que vo-lo tragam.

9.° — Deveis, até, rir-vos das vossas preocupações. Recordai-vos, então daquelas que tivesteis ontem e reconhecereis que, afinal, não houve razões para as tomardes tão a sério. Se tivesseis rido, terieis feito melhor figura e obtido melhores resultados.

10.° — Aprendei a distinguir como e quando deveis rir. Isso é da maior importância. Se, em lugar de sorrir puderdes dar uma gargalhada, tanto melhor, um sorriso está tão longe duma gargalhada como a noite do dia. E quando chegar a hora de rir, ride com vontade, despreocupadamente.

Não empreste nem peça emprestado o «ANIMATOGRAFO»

O que é o filme "A carroça fantasma"

que JULIEN DUVIVIER extraiu do romance de SELMA LAGERLOF

«Foi numa lenda do seu país, uma lenda bretã, que encontrei a ideia da «Carroça Fantasma» — disse, um dia, a malograda Selma Lagerlof a Julien Duvivier.



Pierre Fresnay no papel de David Holm, no filme «A carroça fantasma» que o Eden apresenta na sexta-feira

Os leitores conhecem, decerto, o célebre e estranho romance de Selma Lagerlof. Muitos dos que nos lêem viram também o filme, que pertence aos clássicos do cinema.

Àqueles, porém, que não conhecem um nem outro, dirigimos estas palavras, a propósito do filme que a Nacional Filmes vai apresentar no Eden.

«A Carroça Fatasma» é uma obra singular.

A «Carroça Fantasma»! Poucos a vêem e poucos a ouvem... E, no entanto, ela passa, ela roda, nas estradas e nas vidas... «Ninguém ouve o ruído da carroça, à excepção daquele que vai morrer...» — diz uma personagem. — Na carroça nada muda... Apenas o carroceiro. Todos os anos, pelo S. Silvestre, aquele que morre ao bater da meia noite toma o lugar do estranho condutor...».

Duvivier, realizador com características próprias e especialíssimas (na América, a sua personalidade foi abafada pela estandardização hollywoodense) lembrou-se de contar em imagens a obra célebre da famosa escritora. Para isso, escolheu um núcleo excepcional de artistas, entre os quais Pierre Fresnay, Marie Bell, Micheline Francey, Louis Jouvet, Jean Mercanton, Ariane Borg, Alexandre Rignault, Le Vigan, Palau, Genin, Marie Helene Daste, Philippe Richard, Marloy, Joffre, Peres, Claudio, Andree Mery, Mila Parely, Henri Nassiet e Valentine Tessier.

Não queremos revelar a história — tão sugestiva e estranha — desta produção que decerto vai atraír o público. Diremos apenas que nela se entrechocam muitas e variadas psicologias, qual delas a mais interessante e curiosa.

A história gira à volta dum caso de amor.

David Holm atravessa a vida a dar preocupações a Edith, que espera, com persistência, dominar o insubmisso.

O carreiro da morte passava entretanto e dizia:

— Tu vês e reconheces-me; porém o meu corpo já não é visível aos olhos dos homens.

Martin recordava um passado desfeito:

— Esqueci-me... Sou ainda doutor em medicina. Era considerado, mas um dia... pff! lá se foi tudo por água abaixo!

Uma mulher de má vida suspirava:

— E tudo porquê? Porque me vendi por dinheiro... Não valia a pena... não valia a pena!

Anna, de feições amarguradas, dizia com humildade:

— Não serei feliz enquanto não tiver chorado todos os meus desgostos...

O gigante, numa confissão:

— Eu era fraco, e aterrorizei o fraco com a minha fôrça...

E Georges, o estranho condutor, no final da história, aceita guiar a carroça mais um ano e deixa David Holm entregue à sua missão de bondade na terra...

«A Carroça Fantasma» continuará a rodar, noite e dia, dia e noite...

Mas o ruído das suas rodas não é de molde a ser ouvido por tôda a gente.

PREGUNTAS DE ALGIBEIRA

1 — Quem era a protagonista do filme «A vida duma outra»?

— Claudette Colbert?
— Greer Garson?
— Ingrid Bergmann?
— Elisabeth Bergner?
— Merle Oberon?

2 — Com quem é casada Barbara Stanwyck?

— James Cagney?
— George Brent?
— Robert Taylor?
— Robert Montgomery?

3 — Em que filme de Douglas Fairbanks Jr. vimos, recentemente, George Bancroft?

— «A vida é uma aventura»?
— «Inferno Verde»?

4 — Quem foi o realizador de «Nossa Senhora de Paris»?

— Alfred Hitchcock?
— Henry Koster?
— Michael Curtiz?
— William Dieterle?

5 — A família Blondie é constituída por três pessoas — pai, mãe e filho — tem mais um apêndice: um animal doméstico, que dá pelo nome de «Daisy». «Daisy» é:

— Cão?
— Cadela?
— Gato?
— Macaco?
— Catatua?

6 — Tony Martin, famoso cantor da «rádio» e popular actor de cinema, foi, até há pouco, marido duma vedeta muito querida em Portugal. Quem foi ela?

— Joan Bennett?
— Alice Faye?
— Eleanor Lynn?
— Eleanor Powell?

7 — Que papel interpretou Ian Hurter no filme «Robin dos Bosques»?

— Sir Guy of Gisbourne?
— João Sem Terra?
— Ricardo, Coração de Leão?
— João Pequeno?



BRENDA JOYCE

Fixem êste nome. Brenda Joyce é um dos reais valores da cinematografia contemporânea. Lembram-se dela em «A maldição da Índia» e na «Lenda do cão fantasma»?


A vida é um film....
filmar é revivê-la, em absoluta realidade, eternamente.....
Imprima movimento, acção, ritmo, aos vossos documentários fotográficos — e terá, assim, a «vida» tal qual ela decorre em cada instante. Um «Ciné Kodak Oito» tudo regista com facilidade, sem perda dum só pormenor. Milhares de pessoas em todo o Mundo têm já o seu «Ciné Kodak Oito» e estão obtendo os melhores resultados. Filmar constitue para elas uma das melhores diversões. Não perca mais tempo. Adquira já o seu «Ciné Kodak Oito», filme os grandes momentos da vida, e, assim, revivê-la-á eternamente.
Ciné-Kodak 8
O aparelho de filmar para toda a gente
KODAK, LIMITED — 33, Rua Garrett — LISBOA

PANORÂMICA

A época vai reabrir

Setembro. A época vai reabrir. Já tudo se prepara para ver e admirar as produções que os distribuidores nos prometem. Os exibidores têm fé na época de 1941-1942. O público também. Conhecem-se os nomes de algumas produções famosas, reina a espectativa e o interêsse.

Garantido o abastecimento do mercado cinematográfico e verificados os catálogos das firmas distribuidoras, verificamos não haver receio pela qualidade da época. Pelo contrário, se acaso não exceder, pelo menos equiparar-se-á à temporada finda.

Ainda o verão vai quente e já se notam pronúncios da abertura dos cinemas. O Odéon e Palácio vão à cabeça, tendo já começado a sua publicidade. Dos outros ainda pouco se sabe. A Sif tomou conta do Politeama que estava a ser dirigido pela Aliança Filme. O conhecido secretário teatral Manuel Lisboa fica na gerência daquele cinema.

A 19 do corrente, o Eden estreia um filme português: «O Pai Tirano». No outono, veremos «Lobos da Serra» e, possivelmente, «Ala, Arriba».

Ainda o verão vai quente e já se fala na reabertura dos cinemas.

Fazemos votos para que a temporada de 1941-1942 seja de facto um êxito — para os distribuidores, para os exibidores e para o público.

Filmes chegados a Lisboa

Recebemos o catálogo da Metro Goldwyn Mayer com a lista de programação para 1941-1942. É um livro luxuosamente apresentado e de carácter utilitário, pois contém tôdas as indicações indispensáveis ao exibidor, desde as fotos de publicidade à sinopse do argumento e das opiniões da crítica americana ao número de partes e de metros.

Agradecendo o envio dêste importante catálogo, apraz-nos comunicar aos nossos leitores que a M. G. M. tem já nos seus escritórios dezassete dos vinte e dois filmes da sua programação.

Ao mesmo tempo, informamos que Filmes Alcântara já recebeu os cinqüenta e sete filmes que constituem a sua programação para a próxima época e que a Sif tem na alfândega dezasseis produções, aguardando a todo o momento a chegada das restantes que fazem parte das suas selecções para dois anos.

Como os leitores vêem, não vamos sentir fome de cinema e a época futura promete não ficar atrás da que terminou há pouco.

Ulrich K. F. Schultz

Ulrich Schultz o autor das culturais da Ufa vem a Lisboa. Há pouco tempo, esteve no lago de Neusiedler, a filmar a fauna e a flora daquela região.

É um técnico de reconhecido mérito que vive para a sua profissão e cuja visita aguardamos com interêsse.

Fotografias de artistas

Como numerosos leitores nos escrevem a solicitar preços de fotografias de artistas, informamos nestas colunas que «Animatógrafo» não vende nem oferece fotos de actores nacionais ou estrangeiros. Os leitores interessados em adquiri-las devem solicitá-las, por escrito, aos seus favoritos. A correspondência destinada a artistas nacionais pode ser enviada por nosso intermédio.

«Animatógrafo» tem apenas à venda algumas separatas dos números atrazados, ao preço de cinco tostões cada. Quem desejar essas separatas, pode comprá-las nesta redacção.

O CINEMA

em socorro da infância

A notícia veio, há dias, nos jornais. É arripiante, na simplicidade dos factos e dispensa floreados literários, a puxar à lágrima. Em Lamarosa, uma criancinha de dezoito meses, que ficara em casa, num bêrço, enquanto a mãe saíra a buscar água, foi devorada por um suino, que transformou, em pouco tempo, a sua face luminosa, numa chaga horrível e informe.

O caso não mereceria ser recordado — se fôsse apenas um mau sonho, daquêles que vêm e não voltam mais. Mas, infelizmente, com poucas variantes, tem ilustrado a crónica negra dos jornais, e continuará a alimentá-la, enquanto as mães se não capacitarem dos perigos que as crianças correm, mesmo quando ficam em casa, no seu bêrço, mais ou menos doirado...

Quando não é o suino, é a lareira traiçoeira, a cafeteira da água a ferver, os fósforos que propagam incêndios, a espingarda caçadeira que ficou carregada...

As crianças, na inconsciência da sua idade, estão sujeitas, assim, a mil e uma armadilhas que as espreitam a cada passo. Se não é a Mãe que as arma, sem se dar conta, é a Mãe que as não desarma, por irreflexão, por excesso de confiança ou por incompetência! Porque para ser Mãe — também é preciso ser competente!

Em Portugal, em matéria de assistência infantil, há um fatalismo que o provérbio traduz, melhor do que os factos: «Ao menino e ao borracho põe-lhe Deus a mão por baixo». Vingam os que têm que vingar — morrem os que têm que morrer!

É contra esta teoria cómoda, mas criminosa, que nos insurgimos. Há, não resta dúvida, tôda uma educação por fazer. E no dia em que ela for posta em prática, morrerão menos crianças comidas por suinos, a água a ferver não queimará tantas outras, e as lareiras deixarão de ser autos-de-fé, para se tornarem apenas no conchêgo do lar, em noites de invernia.

À primeira vista, dirá o leitor: Que tem isto que ver com o cinema? Parece, quando muito, um artigo destinado a uma revista de puericultura.

Mas não é assim. E não é assim porque temos esperança que estas obras de educação como muitas outras de higiene e de assistência social, possam encontrar, dentro em breve, no Cinema Português, o seu melhor e mais eficaz propulsor. No dia em que se encare e se resolva, entre nós, como merece, o problema dos complementos — não nos interessará apenas conhecer as belezas de Alcabideche ou o pitoresco do rio Ave, mas ver tratados, em pequenos filmes, os mil e um aspectos de educação e civilização, que o cinema levará, de terra em terra, para conhecimento de todos e edificação das gentes.

E, nesse dia, quando as telas vierem abrir os olhos «dos que não sabem o que fazem» — talvez comecemos a deixar de ver recem-nascidos alimentados a sopas de vinho e as mães a dar-lhe poções, receitadas por bruxas por terem mais fé na «virtude» destas do que na ciência dos médicos...

Se o problema dos garotos pendurados nos «eléctricos», se resolve com medidas puramente policiais — outro tanto não sucede com os que apontamos, sucintamente. E se o cinema puder vir em socorro dessa infância mártir, se o filme puder ensinar as mães a «ver» os perigos a que os filhos estão votados, perigos que elas tantas vezes desconhecem e não sabem «adivinhar» — mais razões teremos para o Bendizer e Abençoar.

Oxalá essa hora não venha distante!

FERNANDO FRAGOSO

UMA VANDERBILT CASA COM UM ASTRO!



Num espectáculo de gala, em Hollywood, a formosa multimilionária apareceu de braço dado com Robert Cummings

Hollywood, manancial de surprêsas esmagadoras, dispõe-se agora a bombardear o mundo com a retumbante «industrialização» duma invenção recente: o casamento das meninas ricas com artistas de cinema.

O caso merece atenção. Uma das «pontes» para se ser célebre tem sido o casamento. O enlace matrimonial das «estrêlas» e dos galãs tem sempre repercussões na carreira cinematográfica. Mas, eram as vedetas que procuravam bons partidos entre os grandes políticos ou os senhores de brazão. Desde tempos idos, que titulares, herdeiros de brazões, senhores de tronos, desposam artistas da tela. Temos de memória o casamento de Glória Swanson com o marquês de La Falaise, de Pola Negri com o príncipe M'Divani. E não esquecemos também, o caso de Anita Stewart com D. Miguel de Bragança — caso que foi muito falado visto ela ter passado a usar o nome dos Braganças. O próprio ministro do Reich, marechal Goering, desposou recentemente uma diva alemã do cinema.

Todavia, raro era uma filha-família enamorar-se dos rapazes do cinema a ponto de lhe oferecer uma aliança de casamento. Só Rudolfo Valentino fôra dos poucos que podia gabar-se de ter despertado paixões entre pobres e ricas, velhas e novas. Êsse italiano, de perfil desesperadamente correcto e banal, cujo segrêdo de sedução estava, talvez, sepulto no fundo das suas pupilas mongólicas — foi verdadeiramente amado e soube amar. Foi excepcionalmente querido das mulheres e, depois dêle, poucos ou nenhuns se podem vangloriar de ter despertado tamanhas paixões entre o mais diverso público feminino.

É certo que, depois dêle, surgiram outros galãs. Mas caracterizavam-se por uma masculinidade agonizante. Não citamos nomes, porque se torna desnecessário. A êsses sucedeu-se a época dos galãs optimistas que não eram tomados a sério. Tudo era cinema! O sol, as estrêlas, a paisagem, as cidades — tudo, tudo era optimismo. Os homens transformavam as dores, os desesperos, as misérias, em alegria no écran. Chegava-se a ter impressão de que o mundo em que vivemos estava incompleto. Faltava-lhe música no espaço, multidões ensaiadas, alegria...

Isto vem a propósito da notícia do breve enlace de Robert Cummings com uma Vanderbilt. A famosa herdeira não hesita saltar sôbre certas barreiras sociais. Deve casar por amor visto que só para êle a celebridade será uma conseqüencia do casamento. E o caso merece atenção porque não é o simples caso da menina que toca piano no segundo andar, por cima da botica, e que entisica com heroismo e petulância ao pensar no galã aperaltado que viu em sombras esfumadas projectado no écran. É uma Vanderbilt. É uma menina cujos milhões de dólares fizeram com que mergulhasse num forte banho de cosmopolitismo, sempre rodeada por dezenas de meninos-bem...

Mas o caso preocupa-me. É que penso muitas vezes que se Rudolfo Valentino ainda fôsse vivo, o cinema não teria caminhado tão depressa. Estavamos ainda em pleno romantismo. O prestígio do herói era tão forte que se impunha à multidão. E aquela, fiel ao seu ídolo, havia de querer o cinemazinho lamecha, tristonho, doentio, à Montepin — como êle superiormente o sabia fazer.

A morte de Valentino foi necessária ao cinema. O pior é se êle ressuscita...

AUGUSTO FRAGA

Pola Negri em Nova York



Como os jornais diários informaram, Pola Negri esteve arriscada a não poder desembarcar em Nova York. Esta fotografia — a primeira que lhe tiraram em águas americanas — apresenta a célebre actriz ainda a bordo do navio mas já diante de Long Island, a ilha dos arranha-céus...

Três filmes em montagem e um em preparação

(Conclusão da pág. 3)

boa Filme, Vieira de Sousa monta os últimos metros de «O Pai Tirano» cuja montagem está quási pronta. Isto é devido ao facto de desde o 1.º dia de trabalho, se estar a montar, não havendo, portanto, nenhum atraso. A data da estreia é, como já temos informado, no próximo dia 19 no Eden. Pela primeira vez um filme português é apresentado 75 dias depois da primeira volta de manivela.

O maestro Fernando Carvalho compôs uma partitura que comentará a acção, e que será executada pela orquestra privativa da Prod. A. L. R. As últimas gravações serão feitas esta semana.

Prepara-se «O Pátio das Cantigas»

Agora que terminaram as filmagens de «O Pai Tirano», procede-se aos últimos trabalhos de preparação de «O Pátio das Cantigas» o segundo filme da Prod. A. L. R.

Na última semana António Lopes Ribeiro, Vasco Santana e Ribeirinho deram por concluídos os diálogos do filme. Carlos Ribeiro, Chefe dos Serviços de Cena da Prod. A. L. R. orienta, neste momento, a decomposição cinematográfica da acção e dos diálogos enquanto Roberto Araújo, arquitecto-decorador da Prod. A. L. R. procede aos últimos retoques nas maquetes dos cenários que já se devem ter começado a construir sob a direcção de Francisco Duarte.

Francisco Ribeiro (Ribeirinho) vai estrear-se como realizador, encenando «O Pátio das Cantigas» cuja direcção de produção é de António Lopes Ribeiro, Além de realizador, Ribeirinho será um dos intérpretes ao lado de António Silva, Vasco Santana, Maria das Neves que pela primeira vez trabalha para o Cinema, Graça Maria e outros artistas que oportunamente anunciaremos.

J. M.

ENCONTROS E DESENCONTROS DO CINEMA PORTUGUÊS COM PORTUGAL

TEMAS DE ENTRECHO

por Acácio Leitão

Há uma necessidade urgente de reformar o espírito da humanidade.

Ainda não tinha começado a guerra e já estavamos cansados de guerra. Era o romance, era a literatura tôda, e o teatro e o cinema a insinuar, a sugerir, a descrever ,a focar cenas imaginárias duma guerra que assim se introduzia nos espíritos, nas sensibilidades, nos nervos, nas almas.

A guerra, sempre de mistura com os problemas sociais, previsões, propagandas, profecias, tudo isto entrava, assim de roldão, no mais íntimo da vida colectiva e individual, no mais profundo das vibrações da sociedade e dos homens.

Entretanto, nunca se abandonou de todo o motivo, motivo inicial de humanas circunstâncias e relações que o encontro de Adão e Eva, no Paraíso, projectou pelos tempos, «até ao fim do mundo», como na apaixonada legenda do túmulo de Alcobaça.

O amor, o amor, nas suas mais vulgares e mais estranhas reacções e ímpetos, nos seus desalentos ou nos seus triunfos, doce ternura ou ardente desejo, nos seus mais variados aspectos e figurações, não deixou de estar também na literatura e nos filmes de guerra, de antes da guerra.

Recordo-me que, haverá mais de dez anos, vi três filmes que me encantaram pelo que tinham de original, repousante, apesar dos dramáticos passos, alheio ao enjoativo e já agoniante amor.

Dois dêles eram excelentes documentários da vida na selva africana e duma expedição às regiões polares, «Trader horne» e «S. O. S.-Iceberg», o outro, justamente o que mais me impressionou, era o drama dum país do Oriente, vivendo em regime de protectorado duma poderosa nação europeia. Chamava-se: «Tempestade na Ásia» e o que achei logo duma subtil e original observação foi que êsse drama começa a desenrolar-se, *a suceder*, em volta do furto duma pele de raposa prateada.

O povo dedica-se essencialmente, à caça. Em volta da caça gira, pois, tôda a sua vida e ela é o motivo das suas actividades e das suas paixões, é, enfim, o



único verdadeiro *conflito*, como se diz no teatro, quási acima da terra, da família, da religião ou do amor.

Ali na nossa Nazaré, tão pitoresca e tão agitada, já se fizeram alguns filmes e peças de Teatro.

Não falando no excelente documentário de Leitão de Barros que, não tendo entrecho, foca, com flagrante observação, a gente do mar nas fainas da pesca, tanto as peças como os filmes foram buscar enrêdo a intrigas de amor que são na existência daquela gente insignificantes episódios.

Ali o conflito, sempre latente e constantemente no primeiro plano da vida, o que dá as alegrias e provoca as questões, o que interessa acima de tudo, é a pesca, o barco, a rêde, o xalavar de sardinha.

Sem fugir, pois, a êste vasto motivo, desviando a acção para o conflito quási inexistente que é o amor, pode fazer-se na Nazaré um filme de costumes verdadeiros e evidentes muito mais empolgante do que os que se têm feito à volta de pura ficção.

Ainda me lembro que, a respeito de filmes de amor, chegaram as coisas a ponto de se discutir em sociedade quais eram as *estrêlas* e os *estrêlos* que se beijavam melhor, e ficou ou foi célebre, por isso, o beijo de Rodolfo Valentino.

Pois ainda não passou de todo a moda e não sabemos se é o público ou os realizadores que a não querem deixar, ou se estão todos de acôrdo, pelos seus conjugados interêsses, apesar de bem diferentes, em continuarem a preferir em cinema a doentia e especulativa rebusca de *galãs*-galantes e beijocadores competentes.

Ainda se, enfim, o amor surgisse nos filmes nas suas atitudes de moralidade, de felizes encontros e amáveis conseqüências, bem seria que, uma vez por outra, fôsse aproveitado como tema, para ensinamento ou lição para gente nova e casadoira. Mas nunca assim sucede e, muito pelo contrário, o que aparece com freqüência é o mau exemplo, a preversão moral, o escândalo mundano.

Aqui, em Portugal, os motivos de Arte por aproveitar, história, tradições, lendas, costumes, são tantos que não precisamos, para espevitar curiosidades do público, de sair da melhor e mais sádia representação e filmagem de cenas, dramas e comédias da vida espiritual ou real, do passado ou do presente, do nosso povo, aplicando a imaginação ou a memória à composição do entrecho, apenas com o precioso conceito restritivo de Eça de Queiroz: «sôbre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia».

A adivinhar, creio eu que «O Pai Tirano», o novo filme de António Lopes Ribeiro, não foge deliberadamente ao enrêdo de amor, mas apresenta-o com salutar e recomendável feição, através de saborosos episódios cómicos, que serão superiormente interpretados por Vasco Santana e Ribeirinho.

Observa ainda «O Pai Tirano» a vida tão característica e simpática da classe média lisboeta, nos seus costumes e nas suas paixões, nos seus hábitos e nos seus divertimentos.

Não insistamos, entretanto, em rebuscar o enrêdo amoroso, até onde êle se pode dizer que não existe, e procuremos em cada região o seu verdadeiro *conflito*, o motivo em volta de que gire tôda a sua vida, para que o cinema português comece a ter enfim os mais felizes encontros com Portugal.

Técnicos estrangeiros no cinema português

Saint Léonard

o montador de «Ala, Arriba!»

fala ao «ANIMATÓGRAFO»



Um pormenor do dia-a-dia da vida de Saint Léonard

—«Vivia na província e tinha como futuro dirigir a ganadaria de meu pai», começa Saint Léonard.

Têm os leitores de «Animatógrafo» a obrigação de conhecer um dos mais notáveis valores do Cinema Francês, actualmente a trabalhar em Portugal, contratado pela Tóbis Portuguesa para montar o filme «Ala, Arriba!», realização de Leitão de Barros. Jacques Saint Léonard é indiscutivelmente uma simpatia e foi numa das últimas manhãs, que em amena conversa tivemos ocasião de conhecer a sua vida de profissional de cinema. E sabendo que ela interessava aos leitores de «Animatógrafo», pronto resolvemos arquivar nestas páginas tudo o que ouvimos da bôca de Saint Léonard.

—«Minha mãe, dirigia nessa altura, um guarda-roupa para a firma americana que mais tarde deu origem à organização Metro Goldwyn Mayer.

Nunca me passou pela cabeça poder vir a interessar-me por Cinema e um dia resolvi ir para Paris a fim de trabalhar para uma importante organização de publicidade, pois tinha um geitão para executar cartazes de reclame. Chegado a Paris, com algumas cartas de recomendação no bôlso, logo nesse mesmo dia fiquei a trabalhar. E no dia seguinte de manhã em vez de entrar para o emprêgo, encontrei-me nos Estúdios Gaumont. Isto aconteceu por alturas de 1925.

Jean Choux, realizava nessa ocasião «Un chien qui rapporte» em que se estreava no Cinema a grande actriz francesa Arletty e onde Michel Simon tinha um importante papel.

Havia então em França dois montadores nacionais. Os outros eram alemães e faziam-se pagar caro.

Jean Choux montava com certa dificuldade o seu filme, e não hesitou em me entregar êsse trabalho.

Fomos muito amigos e colaborei com êle em cêrca de 14 películas. Numa delas realizámos a meias o filme. Foi «Paris», que tinha como intérpretes Harry Baur e Renée Saint-Cyr. Posso contar acêrca dêsse filme uma coisa curiosa: o produtor teve marcada a data de aluguer do estúdio durante muito tempo e quando chegou o momento de se iniciarem as filmagens observou que só havia quinze dias para realizar o filme. Não houve atrapalhações. Organizou-se um plano de trabalho de forma a poder trabalhar-se com duas equipas. E assim, eu e Jean Choux iniciámos a realização de «Paris». Enquanto êle trabalhava num «plateau» com a sua equipa, filmando parte do filme, eu num outro com a minha equipa realizava a outra parte. Havia até uma grande rivalidade entre as duas equipas desejando uma produzir mais do que a outra. Os artistas saiam do «plateau» de Jean Choux e ingressavam no meu prosseguindo o trabalho. Correu tudo o melhor possível e o filme fez-se nos quinze dias que havia. Ouve até uma nota curiosa: Jean Choux cujo estilo cinematográfico e extraordinàriamente movimentado, necessitou em certo momento do «charriot» que eu estava a utilizar no meu «plateau» e mandou quatro homens bastante possantes para o levar. Êles chegaram e dispunham-se a levarem o «charriot», o que eu impedi visto ter a máquina montada e ir nesse instante efectuar um «travelling».



Saint Léonard trabalhou algumas vezes com Abel Gance. Esta foto foi tirada durante a filmagem de «Paradis Perdu», realização de Abel Gance, que está ao lado de Saint Léonard

«Também colaborei com outros realizadores e entre êles Marcel L'Herbier para quem dirigi todos os exteriores de «Les Hommes Nouveaux» visto êle não poder aguentar as filmagens no alto mar.

«Como montador tenho 46 filmes no meu activo, o que é número valioso se não esquecermos que a montagem é geralmente um trabalho moroso e por vezes maçador. Só houve um filme, cuja montagem foi para mim um prazer. Refiro-me a «Noites Moscovitas». Há, por exemplo, uma cena dêste filme, que eu cortava, via e revia com a maior satisfação: a cena do Tribunal. Com que carinho eu montei essa seqüência! Outros filmes há que me agradaram bastante: — «Jean de La Lune» e «Legion d'Honneur» que obtiveram o «Grande Prémio de Cinema Francês» em diferentes anos «Tarass Boulba» com Harry Baur, «Napoleão», «J'accuse» e «Louise» de Abel Gance, «Matou» de Fritz Lang, «Sob os Telhados de Paris», de colaboração com outro montador, por sinal uma montadora e muitos outros cujos títulos não me ocorrem agora.



Com George Milton num estúdio de Paris

«Depois de trabalhar muitos anos no meu país, fui para Espanha, onde montei «Malquerida» de Florian Rey e outras películas. Fiz depois parte do Departamento Nacional de Cinematografia dirigido por Manuel Augusto Garcia Viñolas, para cujo organismo montei todos os filmes assim como «Bóda em Castela» documentário cultural que Garcia Viñolas realizou e que teve Henrique Gärtner como operador.

«Ultimamente fui contratado pela Tobis Portuguesa para efectuar a montagem de «Ala Arriba».

—«E aqui tem a minha história — termina Jacques Saint Léonard.

JOÃO MENDES

ANNA NEAGLE

passou três dias no Estoril e seguiu para Londres, onde vai interpretar um filme à glória da aviadora AMMY JOHNSON

Uma entrevista por FERNANDO FRAGOSO

Há pouco mais de dois anos, na Madeira, jardim de Portugal, Anna Neagle, que ali passara alguns dias, despreocupados e felizes, ao deixar a terra que lhe restaurara as fôrças que uma doença havia ameaçado, e lhe levantara o espírito, quebrantado por um trabalho árduo e esgotante, teve esta confissão, a um jornalista português, que a sentiu franca e sincera:

— Gostaria muito de conhecer Portugal! Guardarei da vossa gente e desta terra uma recordação imperecível. Quando o jardim é acolhedor — a casa é forçosamente agasalhadora e simpática...

O «Clipper», que desceu há dias, sereno e majestoso, nas águas quietas do Tejo — depôs Anna Neagle na casa lusitana, que ela ansiava conhecer. A seu lado, Wilcox, realizador dos seus últimos filmes — tutor artístico da vedeta, seu companheiro dilecto na vida privada.

Portugal não desiludiu Anna Neagle. Muito pelo contrário. Ela bem quis prolongar a sua estadia, entre nós, mas os estúdios de Denham chamavam-na. Tinha um filme à sua espera. E assim, seguiu para Londres, no avião que no domingo saiu do Tejo, com destino à Grã-Bretanha.

Anna Neagle é linda, duma beleza insinuante, discreta, que não necessita de «maquillage» para se impôr. A naturalidade e a simplicidade são as marcas dominantes da sua maneira de ser. Sôbre tudo isso, o desejo de agradar, a amabilidade e a despretenção — apanágio das verdadeiras vedetas. Muito têm as nossas artistas que aprender, dum modo geral, com as colegas estrangeiras que nos visitam...

Wilcox, que vem fazendo cinema desde 1919, quando lhe preguntámos quais os motivos porque abandonara a realização dos grandes espectáculos históricos, à maneira de *Raínha Vitória*, foi preciso e positivo, nas suas declarações:

— Fazemos *Sunny* e *Irene* por que precisamos de comer. Ésses são os espectáculos que o público «paga». Os outros são aqueles que a nossa consciência de artistas exige.

Anna Neagle está contente por ir fazer um filme à Glória de Amy Johnson, a malograda aviadora, que foi companheira, na vida e nas glórias desportivas, de Jim Mollison, e que encontrou a morte, recentemente, nas águas ensanguentadas da Mancha, onde o seu avião se despenhou.



Anna Neagle e seu marido, o realizador Herbert Wilcox, visitam os escritórios da RKO-Radio Filmes, em Lisboa, onde foram recebidos pelo gerente daquela firma, sr. René Beja

Evocamos o perfil da aviadora, a sua face sardenta de feições quási viris, a cabeleira enovelada em pequenos caracóis — e olhamos Anna Neagle tão senhoril, tão feminina e tão bela! Pensamos que ela nunca se poderá parecer com essa mulher de nervos de aço e vontade de ferro, a quem se devem algumas das mais belas proezas da aviação, ao serviço da Paz. Mas outra imagem se sobrepõe imediatamente, a desmentir essa impressão: a face da Raínha Vitória, nos derradeiros anos da sua vida, quando olhando a obra realizada e o caminho percorrido, sentia as lágrimas rebentar dos olhos, num mixto de tristeza, orgulho, saudade e alegria!

Ana Neagle ignora ainda se a sua caracterização de Amy Johnson lhe impõe uma similitude de físico, ou se, pelo contrário, tal como aconteceu com Spencer Tracy, quando teve que encarnar Edison, o cinema dispensará a cópia servil da personagem que se propõe ressuscitar.

— Gosto dos filmes que me dão muito trabalho, dos papéis que me obrigam a estudar! Amy Johnson, de quem fui uma admiradora fervorosa, é uma figura de Mulher que me interessa erguer, perante as platéias do mundo inteiro. Agradeço ao cinema, a oportunidade que me ofereceu para a homenagear.

O filme será dirigido por Herbert Wilcox. O principal papel masculino correrá a cargo de Laurence Olivier ou David Niven, ambos actualmente ao serviço da R. A. F. O realizador de

(Conclui na pág. 13)



Ao lado de Marcel l'Herbier durante a realização de «Les Hommes Nouveaux»

BEBE DANIELS

Vindos de Inglaterra, onde concluiram «Hi Gang», passaram por Lisboa os artistas de cinema Bebe Daniels e seu marido Ben Lyon. Seguiram para os E. U. A. em gôzo de férias.

NOTÍCIAS DA EUROPA

INGLATERRA

Os negócios cinematográficos estão prósperos como nunca estiveram • Os produtores americanos têm ali 50 milhões de dólares congelados

Apesar do ambiente de guerra, apesar dos bombardeamentos e outras conseqüências do conflito, o negócio cinematográfico em Inglaterra quer pelo que respeita a produção, quer principalmente pelo que se refere à exibição, é de tal forma florescente, possui tal amplitude que dificilmente se suspeitaria. Com efeito a freqüência dos cinemas — em Inglaterra, dos cinco mil cinemas existentes apenas 450 não trabalham, quer em conseqüência dos bombardeamentos, neste caso estão 230 salas, quer por terem sido requisitados pelas autoridades para armazens ou por quaisquer outras razões — têm aumentado desde o comêço da guerra de maneira invulgar, atribuindo-se êsse aumento de freqüência, entre outras razões, ao facto do público inglês estar na posse de somas relativamente elevadas que não pode dispender devido às escassas possibilidades de compra, em virtude de, práti-

De tal forma isso é assim que o representante da United Artists referiu há pouco que a sua companhia não tinha feito, em qualquer dos quatro anos anteriores, um volume de negócios que se comparasse ao que esta época alcançou.

E o mesmo acontece com as outras emprêsas americanas de importância, Warner, Paramount, Fox, etc.

No entanto as enormes importâncias resultantes dêsses negócios não podem aproveitar, pelo menos imediatamente, aquelas emprêsas, porquanto todo êsse dinheiro se encontra congelado, atingindo êle já a importante soma de cinqüenta milhões de dólares — 6 milhões na Austrália, 1 milhão na Nova Zelândia e o restante em Inglaterra. Só o produtor independente Edward Small, de quem há pouco falámos a propósito do seu contrato com Shirley Temple, tem ali improdutivo cêrca de um milhão de dólares. Isso não impede, porém,

Para até certo ponto aliviarem êsse importante inconveniente, aquelas companhias estão quer explorando nos Estados Unidos as melhores produções inglesas incluídas nas listas da produção própria, quer financiando total ou parcialmente filmes em produção nos estúdios de Londres para depois os exibirem na América, já adquirindo em Inglaterra salas de cinema.

Segundo a política atrás referida — produção de filmes em Inglaterra — quatro emprêsas têm neste momento em realização os filmes de que vamos dar indicação.

A Warner produz, nos seus estúdios de Teddington FREEDOM RADIO, com Diana Wynyard e Clive Brook, de que já falámos, aliás; a Monogram THE TOWER OF TERROR, cuja acção decorre numa ilha abandonada, interpretado por Movita, Wilfred Lawson e Michael Rennie e dirigido por John Argyle; a Paramount com HATTER'S CASTLE, que produz nos estúdios de Denham e é extraído duma novela de A. J. Cronin, com Robert Newton, Deborrah Kerr, o actor-autor Emlyn Williams, todos os três aparecendo em «Major Barbara», e James Marson. E por fim a United Artists com TURNED OUT NICE AGAIN, com o popular cómico George Formby.

FRANÇA

Nos três estúdios em laboração trabalha-se com relativa regularidade, estando em curso numerosas produções interpretadas por artistas populares

A produção cinematográfica francesa, sem ter atingido ainda o nível, quer de qualidade, quer de quantidade, que se observava antes da guerra, procura fazer face às variadas dificuldades que neste momento se notam no campo do cinema.

E o facto é que nos três estúdios que presentemente se encontram à disposição dos *metteurs-en-scène* do lado de lá dos Pirinéus, ou sejam em Paris os de Neully, em Nice os antigos estúdios mandados construir por Rex Ingram e que chegaram a ser os mais bem equipados da França, e os de Marcel Pagnol, em Marselha, nestes três estúdios se trabalha já com relativa regularidade.

Do que neles se passa, dos filmes que actualmente se realizam ou se projectam, vamos dar sucinta conta.

● HISTOIRE DE RIRE, de Armand Falacrou vai ser adaptado ao cinema por Marcel L'Herbier, que a realizará nos estúdios de Nice para a Imperia Films. Interpretam o filme Fernand Gravey, seu criador no teatro, Claude Dauphin, Micheline Presles, André Luguet, Gaby Andreu e Jean Mercanton.

● Depois de «Hommes sans peur», que interpreta actualmente, Jean Murat vai ser, com Janine Darcey, o protagonista do filme de Yvan Noé SIX PETITES FILLES EN BLANC.

● Raimu, Maurice Chevalier e Gaby Andreu estão contratados para interpretarem UN DE LA MONTAGNE, de que Jean Canolle será o realizador.

● Maurice Tourneur realiza nos estúdios de Neuilly o filme PECHÉS DE JEUNESSE, segundo um argumento de Albert Valentin, e adoptado por Michel Duran e Charles Spaak. Interpretam-no Harry Baur, Marguerite Ducouret, Guillaume de Saxe, Pierre Larquey e Pascuali.

● FROMONT JEUNE ET RISLER AINÉ, de Alphonse Daudet, vai ser de novo adaptado ao cinema para a Gaumont



FERNAND GRAVEY volta ao Cinema em «Histoire de Rire» que criara no teatro

por Léon Mathot, que já o interpretou no tempo do mudo, com a seguinte interpretação: Jean Sarvais, Georges Vitray, Mireille Ballin, Marcelle Géniat, Junie Astor, Marguerite Pierry, Julien Carette, Pierre Larquey, Bernard Lancret, René Genin e Francine Bessy.

● Denis Barthés seguindo a orientação actual vai realizar a «curta metragem» EN GASCOGNE, cujo argumento é da autoria de Joseph de Pesquidoux, membro da Academia Francesa.

ALEMANHA

A produção cinematográfica continua a fazer-se em grande escala • A Tobis, de Berlim, tem em realização numerosos filmes de diferentes géneros

Já por mais duma vez, nas informações que «Animatógrafo» tem publicado sôbre a actividade cinematográfica alemã, temos falado com o desenvolvimento que o espaço permite, da produção das duas poderosas sociedades germânicas — UFA e Tobis — que de há muito mantêm preponderância entre as demais casas produtoras daquele país, muitas delas subsidiárias, ou com ligações mais ou menos próximas, daquelas emprêsas.

Por isso a juntar ao que já temos noticiado vamos a seguir dar a conhecer aos nossos leitores os títulos e algumas características de vários filmes da produção da Tobis, de Berlim.

Além de «Der Grosse Koënig», de «Ohm Kruger», de «Bismark», de «Operette», de que já falámos oportunamente, fazem parte do grupo da produção daquela emprêsa mais os seguintes filmes, que passamos a indicar.

Dentre êles, o mais importante, pelo aspecto de propaganda que o caracteriza e pela sua categoria especial, em virtude dos cuidados técnicos e dos meios postos na sua realização, é sem dúvida o que se intitula MEIN LEBEN FUR IRLAND (A minha vida pela Irlanda). O argumento, tal como em «O Denunciante», de John Ford, foca, embora sob um aspecto absolutamente diferente, a luta dos *sinn feiners* pela independência da Irlanda e a luta contra a acção repressiva inglesa, por alturas dos acontecimentos de 1922.

São seus intérpretes Paul Wegener, num oficial inglês, Eugen Klöpfer, Anna Damman, Werner Hintz, Karl Danneman, Will Quadflieg e a sua realização é da responsabilidade do encenador M. W. Kimmich.

Outro filme, de aspecto militar e de propaganda também, é o que tem por título KAMPFGESCHWADER LÜTZOW (Cruzador da Batalha Lützow), cuja acção se passa na Polónia e descreve a acção alemã na conquista daquele país e na sua conseguinte ocupação. Dirigiu-o o realizador Hans Bertram e interpretam-no um núcleo de actores bem pouco conhecidos entre nós, de que fazem parte Carsta Löck, Adolph Fischer, Horst Birr, Hannes Kepler, Heinz Welzel e Hans Bergmann.

Além dêstes, dois outros filmes, de carácter e de intenção absolutamente diferentes daqueles fazem parte também da produção Tobis. Um dêles, dentro das tradições do cinema alemão após a conquista do som, é uma cine-opereta, DAS HIMMELBLAUE ABENKLEID (o vestido azul celeste), que Erich Engels dirigiu e de que Elsie Meyershofer na menina do vestido azul celeste, e Albert Matterstock são os protagonistas, rodeados por Hans Leibelt, Käthe Haach, Ellen Bang, e a bailarina Lula von Sachnowsky, que entre outros números dansará o «Sombrero de Tres Picos», de Falla.

O circo, espectáculo espantoso, com a sua atmosfera tão típica e tão cheia de emoção, que tantos filmes alemães têm focado, é de novo o meio onde decorre a acção de JAKKO, interpretado pelo pequeno Norbert Rohringer no papel de Jakko, um pequeno artista de circo, e Aribert Wäscher. O realizador é Fritz Peter Buch.

NOTÍCIAS DE HOLLYWOOD

Spencer Tracy e Katherine Hepburn vão interpretar para a M. G. M. o filme «THE WOMAN»



Spencer Tracy

Há algumas semanas «Animatógrafo» noticiava o início da realização do novo filme de Spencer Tracy, que, havia pouco, terminara «Dr. Jekyll and Mr. Hyde», nova versão de «O Médico e o Monstro». Êsse novo filme, que a Metro Goldwyn Mayer desde há dois anos tinha em preparação, intitula-se «The Yearling»; com Tracy contracenavam nele alguns nomes pouco conhecidos até agora dos estúdios, tais como Gene Eckman, que era a «leading-lady» do filme, Ann Revere e Adeline de Walt Reynolds. Da distribuïção apenas Chill Wills e o veterano Tully Marshall eram *habitués* dos estúdios da Califórnia. Dirigia-o King Vidor, que já trabalhara com Tracy em «Passagem do Noroeste». Era êste, até, o primeiro filme que o talentoso animador de «Hallelujah» dirigia depois de «Northwest Passage», feito cêrca de um ano antes.

Inesperadamente, porém, depois de dois meses de aturadas filmagens na Flórida, a M. G. M. anunciava a suspensão dos trabalhos de produção do filme. O caso, como é de calcular, causou verdadeira surprêsa no meio cinematográfico, dada a categoria da emprêsa produtora, do realizador e do principal intérprete. Daí terem sido feitas as mais extravagantes conjecturas. E como, certamente por pura coincidência, Spencer Tracy fôra visto por essa ocasião entrar por mais duma vez no «lot» da 20th Century-Fox, para muita gente o caso estava explicado. Não havia dúvidas. Decerto grave incidente deveria ter havido para Spencer Tracy pensar em voltar aos estúdios onde aliás decorrera grande parte da sua carreira. E ainda mais o caso parecia confirmar-se ao saber-se que o intérprete de «Lôbos do Mar» tencionava gozar fora de Hollywood uma longas férias...

Afinal, mais uma vez, foi a nuvem tomada por Juno...

Spencer Tracy continua a trabalhar nos estúdios do «Leão», em Culver City. E ainda mais: foi anunciado o título do seu novo filme, cuja realização, dirigida por George Stevens deve ter sido já iniciada. Chama-se «The Woman of the Year» e é tirado dum original de Ring Lardner Jor. e de Michael Kanin, o «scenarista» irmão de Garson Kanin.

Mas, além da figura prestigiosa de Spencer Tracy uma das particularidades de monta que o filme apresenta é a sua protagonista — Katherine Hepburn.

Não deixa de ser curioso que, tal como acontecera com «The Philadelphie Story» filme que deverá ser estreado na próxima época com o título de «Casamento Escandaloso», foi Katherine quem prèviamente adquiriu os direitos da novela e os indicou à Metro Goldwyn Mayer. O argumento de «A Mulher do Ano» tem por quadro o mundo do jornalismo, fazendo Spencer Tracy um redactor desportivo e Katherine Hepburn uma comentadora de assuntos internacionais.

Oxalá «The Woman of the Year» possa vir a ser «the film of the Year»...

EDWARD G. ROBINSON e EDWARD ARNOLD interpretam «New York Story»

Edward G. Robinson, o vigoroso intérprete americano tão pouco apreciado no nosso país, onde, aliás, os seus filmes têm vindo com pouca freqüência, é o intérprete do novo filme da Metro Goldwyn Mayer, intitulado «New York Story», onde, mais uma vez, os jornalista e os «gangsters» serão figuras de primacial importância no argumento que Sam Marx, o próprio produtor do filme, arquitectou.

Ao lado de Robinson, que terminou recentemente para a Warner Bros. o filme «Manpower», durante a realização do qual se deram freqüentes incidentes entre êle e George Raft devido a rivalidades artísticas, aparecem Edward Arnold, na figura dum director dum jornal — Laraine Day, na secretária dêste, Marsha Hunt, William Orr, Smory Parnell, Billy Benedict e Charles Dingle.

FRITZ LANG vai dirigir TYRONE POWER e JOAN BENNETT em «CONFIRM OR DENY», para a FOX

Fritz Lang continua a corresponder à confiança nele depositada por Darryl Zanuck, chefe supremo da produção da 20th Century-Fox, o qual, num momento difícil da carreira do homem do «Matou», por altura da forçada inactividade que se seguiu aos seus dois primeiros filmes americanos lhe deu não só a oportunidade de sair de tal situação, como pouco tempo depois de ingressar naquela companhia o elegeu para o lugar, tão apetecido quanto dificilmente acessível, de produtor.

Que Fritz Lang se mostra ainda em plena forma, embora adaptado às características da produção americana, tão diferente das que regiam os seus filmes europeus, demonstra-o plenamente o êxito dos seus filmes da Fox — «O Regresso de Frank James», «Western Union» e «Man Hunt», o último, há pouco, estreado, filme que certamente a Europa não verá dada a ousadia excessiva do seu argumento.

Fritz Lang vai, de novo, dar início à realização de outro filme que se intitula «Confirm or Deny». O argumento, tendo por base a história original de Samuel Fuller a quem a Fox pagou por êle a linda soma de vinte mil dólares, trata da acção dos correspondentes de guerra dos jornais americanos durante a batalha da Inglaterra.

«Confirme ou Desminta» tem por intérpretes principais Tyrone Power e Joan Bennet, que foi já a protagonista, com Walter Pidgeon, de «Man Hunt».

HENRY FONDA e BARBARA STANWICK interpretam «You Belong to Me», para a COLÚMBIA

Henry Fonda faz parte daquele núcleo restrito de actores cuja actividade nos «sets» dos estúdios é constante, solicitado ora por uma ora por outra companhia, pois há muito tomou a sua liberdade, trabalhando naquele regime, tão apetecido pelos artistas de nomeada, de actor independente.

Assim é que tendo terminado há poucos dias o filme da 20th Century Fox, «Wild Geese Calling», dirigido por John Brahm, o marido de Francisca Gaal, em que teve como parceiros a linda Joan Bennett, Warren William, Ona Munson, actriz que «Gone with the wind» notabilizou e Barton Mac Lane, está já trabalhando nos estúdios da Columbia num outro filme.

Intitula-se «You Belong to Me», e tal como em «Lady Eve» da Paramount, Barbara Stanwick é a sua «leading-lady». Wesley Ruggles, hoje o realizador de maior prestígio trabalhando naquela companhia, depois da saída de Frank Capra, dirige o filme, que é também interpretado por Edgar Buchanan, Melville Cooper, Ruth Donnelly, Harold Waldridge, Charles Arnt, Ralph Peters, Maude Eburne e Renie Riano, estes últimos, nomes novos no cinema.

COISAS INDISCRETAS

GENE TIERNEY é, de agora em diante, a condessa Cassini

Hollywood, que tivera já entre os seus muros, quási simultâneamente duas princesas — queremos referir-nos a Mae Murray e a Pola Negri quando, no seu apogeu «estelar», eram ambas casadas com dois príncipes russos, os irmãos Paulo e Sergio Mdivani — tem agora no seu seio, oito anos volvidos, uma nova aristocrata pelo casamento.

É nem mais nem menos que Gene Tierney, aquela gentil rapariga a quem «Animatógrafo» dedicou a capa do seu número 40 e que os nossos cinéfilos conhecem já dos filmes «O Regresso de Frank James» e «Baía do Hudson». Ela é hoje, mercê duma carreira fulgurante, uma das mais categorizadas vedetas da Fox.

O noivo é o Conde russo — como ainda é possível haver aristocratas russos em disponibilidade matrimonial! — Oleg Cassini, que depois de deambular pela França e pela Itália aproou certo dia aos Estados Unidos, vivendo há cêrca de um ano em Hollywood. Oleg Loiewsky Cassini, que foi o quarto marido de Mrs. Merry Fahrney, riquíssima herdeira dum potentado de produtos químicos, de quem estava divorciado desde o ano passado, e Gene Eliza Tierney casaram em Las Vegas, no estado de Nevada, cidadezinha que está tirando a freguesia à tão falada Reno. O pai de Tierney aprovou o casamento, mas a mãe não gostou e amuada deixou Hollywood pela sua casa de Connecticut, o mais aristocrático Estado do país do Tio Sam. Gene diz ter tido muita pena, mas já é maior e vacinada...

O Conde é o seu primeiro marido.

A PÁGINA DOS NOVOS

O CINEMA E A «RÁDIO»

Na época em que vivemos há duas coisas que duma maneira geral ninguém dispensa: o Cinema e a Rádio.

Estas duas realidades de há bem pouco tempo (referimo-nos ao seu pleno desenvolvimento) são hoje indispensáveis à vida de tôdas, pois se uma nos põe ràpidamente em contacto com os mais diversos assuntos — políticos, musicais, desportivos, etc.) — a outra constitui o melhor espectáculo que à nossa disposição pode ser pôsto, se tivermos em vista os extraordinários recursos de que o Cinema dispõe.

O Cinema e a Rádio têm entre si relações que à primeira vista podem parecer pequenas, mas que na realidade são bastante grandes.

De resto, que a base da Rádio é o elemento Som, todos sabemos, e basta isso para que aí comecem as suas relações com o Cinema, que há muito deixou de ser mudo.

Em filmes musicais, principalmente nos de origem norte-americana, é freqüentíssimo vermos a sua acção quási exclusivamente limitada ao ambiente de emissoras de «broadcasting», ou, pelo menos, prendendo-se com assuntos radiofónicos (Rádio City Revels, East Side of heaven, Star Maker, etc.).

Por outro lado, a Rádio espalha pelo éter, a todo o momento, trechos de fonofilmes, fazendo assim uma excelente propaganda ao Cinema.

Além disso, são numerosíssimas as estações radiofónicas que possuem secções cinematográficas, e, até no nosso país a Emissora Nacional e o Rádio-Clube (para só falarmos nos principais) têm tido, embora intermitentemente, programas de Cinema apreciados por todos os radiófilos e principalmente por aqueles que a esta qualidade reúnem a de cinemófilos. Na primeira daquelas estações foi em tempos transmitida uma série de programas do «Cine-Jornal» que alcançou um autêntico sucesso. Também na E. N. têm sido durante esta época irradiados excelentes programas de actualidades cinematográficas que são, na essência, constituídos por trechos de fitas em gravação directa do original.

Quando alguma companhia de cinema quere fazer acompanhar um filme, geralmente documentário de viagens ou jornais sonoros de actualidades, dum comentário apropriado, é sempre à Rádio que vai buscar o locutor.

Todos aqueles que lêem «Animatógrafo», conhecem, certamente, Pete Smith, cronista da Rádio Americana que tem comentado muitos documentários da firma do leão.

Entre nós, como não há, infelizmente, produção regular de documentários, também não há quem se especialize em comentários cinematográficos.

Há dois ou três anos, o cineasta Manuel de Oliveira fez vários documentários dos quais nos recorda ter visto um sôbre Miramar, a praia das rosas, e outro sôbre a construção dos automóveis semi-nacionais «Edford».

Estes filmes de certa metragem, de técnica modelar, tinham um comentário feito pelo locutor Fernando Pessa que era muitíssimo bom e onde êste «speaker» mostrava esplêndidas qualidades para comentador cinematográfico. Pena foi que aquela série de complementos não tivesse prosseguido com regularidade, tanto mais que o seu autor e produtor, Manuel de Oliveira, já deu provas de ser em Portugal, talvez a pessoa mais indicada para a realização de documentários. Haja em vista, por exemplo, o «Douro, faina fluvial».

Hoje, na maioria das nações, e a nossa é uma delas pelo menos no que diz respeito aos filmes nacionais, não se estreia nenhum filme de categoria que não seja feita uma reportagem rediofónica da «preview». E é natural. Porque se o Cinema, por ter som, oferece à Rádio muitos elementos de programação, esta, por seu turno, proporciona-lhe uma enorme divulgação lançando aos quatro ventos como que um aperitivo que nos abre o apetite para irmos digerir mais celuloide.

Quando chegar a hora da paz reinar de novo no mundo, será a televisão que terá uma enorme colaboração com o Cinema. E essa colaboração deve ser tão grande, que um dos sábios que à televisão se tem dedicado, disse: no futuro, o Cinema estará para a televisão assim como os discos estão, actualmente, para a Rádio.

Entretanto, enquanto essa hora não chega, continuemos a ouvir a Rádio, e não deixemos de ir ao Cinema. Fazendo-o, recrear-nos-emos, e, ao mesmo tempo, contribuíremos para o desenvolvimento da arte das imagens, êsse extraordinário espectáculo que nós não dispensamos, mas que também não pode dispensar o nosso auxílio, e, evidentemente só poderá progredir se os cinemófilos lhe derem todo o seu apoio.

Êste apoio traduz-se não só na freqüência regular das salas de espectáculos, mas também na crítica séria e na propaganda honesta das fitas que passam nas telas.

M. R. R.

Dorothy Lamour

«Ânfora humana de bôca súplice onde apetecia beber o amor e a morte».
Jorge Ramos

Dir-se-ia que esta frase tinha sido concebida em embevecida contemplação de Dorothy Lamour. Na verdade, quem tiver o supremo prazer de ver e ouvir cantar «Moon Over Burma» — apesar de o sr. Augusto da Costa apelidar as suas canções de «pinga-amor» — no paradisíaco cenário das noite indianas, repassadas de lenda e mistério, ficará irremediàvelmente escravo dos seus encantos e a cada passo parecerá ouvir a sua voz melodiosa entoar essas canções inolvidáveis como «Moonlight and shadows».

Ao ouvi-la cantar «Moon Over Burma», não se pode deixar de experimentar um encanto irresistível e a imaginação voa para além da tela em concepções onde predominam visões de florestas mágicas, aljofradas de luar, onde ela passearia o seu corpo de «Venus de Milo»... com braços. As árvores pareceriam querer debruçar-se na sua senda para a tocar com o enlêvo e o temor com que se toca uma relíquia e para bramir as fragâncias que se evolavam do seu corpo, onde pareceria haver rosas ocultas, impregnadas do mais vivo aroma. Na praia, ao dealbar, o sol beijá-la-ia com mais divino fulgor e as ondas, submissas, viriam a seus pés pagar um tributo e render um preito de admiração e êxtase, tecendo miríades de finos rendilhados.

É uma «Princesa da Selva», expressão deliciosamente viva do «Feitiço dos Trópicos», capaz de inspirar sob o «Luar de Burma» uma «Paixão Selvagem» mais avassaladora e perigosa do que um «Tufão» ou um «Furacão».

Ainda que, num futuro que julgo não estar próximo, Dorothy participe em filmes cujo ambiente não esteja impregnado do habitual exotismo, para sempre permanecerão indeléveis as reminiscências das produções em que ela surge em tôda a sua esplendorosa beleza, com o «sarong» que lhe modela o corpo de escultura viva.

JOSÉ BARBOSA

Assim se fica sem cinema

Os prezados leitores de cidades populosas e bem servidas no que diz respeito a Cinema, não sei se repararam que o autor destas linhas, tem escrito alguns artigos sôbre a situação dum punhado de cinéfilos tão parcamente brindados com bons filmes e boas casas de espectáculos. Podem crer que o que escrevi e escrevo é a expressão da verdade tanto mais que essa verdade me penaliza e em nada me favorece. Já dizia um filósofo que neo gratis mendax».

Ora, como não tenho motivo algum para mentir, antes pelo contrário, podem estar certos que as minhas exposições, sôbre o cinema na cidade penafidelense, são absolutamente verdadeiras.

E agora, deixando êste assunto, vou contar-lhes uma peripécia (até parece anedota) que privou completamente da arte das imagens a referida cidade.

O nosso empresário dava 3 sessões por semana: uma às quintas, à noite, e as outras ao domingo sendo uma à tarde e outra à noite. A casa enchia quando vinham bons filmes e, claro está, ficava às môscas quando o programa não despertava interêsse. Como esteve na cidade uma escola de milicianos as coisas corriam bem. Acabou-se a escola e o empresário notou que a casa não se enchia como dantes.

Embora fôsse lógico e natural, a empêsa parecia querer que a casa estivesse à cunha só com o público citadino e programas preenchidos com filmes antigos. Prolongou a temporada e, a dada altura, fechou-a inopinadamente. Nós, os cinéfilos, ficámos furiosos, não atentando nas razões que levaram a emprêsa a fechar a casa de espectáculos. Vim a saber hoje, por um amigo de tôda a confiança, que, tendo o empresário anunciado um filme cêrca de um mês antes de êle ser exibido teve, apesar-de tôda a propaganda, um «déficit» de 50$00. E foi esta a razão, segundo êsse meu amigo, que, aliás, não procura ficar incógnito caso alguém duvide, que privou de cinema alguns cinéfilos e um certo número de pessoas que, para passar tempo, apreciando bom espectáculo, pagavam os seus lugares num barracão pseudo-cinema.

Ex nihilo, nihil fit! Com programas que *nada tenham, nada* se pode tirar de bom.

O empresário, sabendo isso, também poderia saber que êle próprio igualmente *nada* podia tirar. Parece incrível que, devido a uma nota de 50$00 (pelo menos foi êsse o pretexto) uma cidade fique privada do espectáculo favorito do século XX! Se, até agora, os bons cinéfilos tinham que ir ao Pôrto para ver bons filmes por os não terem onde viviam, daqui em diante passam a desconhecer alguns filmes menos importantes e obras primas antigas por não terem onde as verem!!!... Triste situação a nossa!

OUBLI

A FEIRA DAS FITAS

«Em Maré de pouca sorte»

(The Man From Dakota»)

Ainda há dias haviamos falado duma interpretação de Walace Beery já hoje nos cabe voltar aqui para apreciar novo trabalho seu. E dadas as caracteristicas desta nova produção menos ainda se nos oferece para dizer do apreciado actor americano por não querermos — evidentemente — repetir ou lembrar coisas sabidas de todo o público. Com efeito, Walace Beery é um dos mais populares actores do cinema de todo o mundo. É também um dos que tem um estilo mais constante de representar — pois tôdas as suas interpretações se constroem nos mesmos processos, com as mesmas máscaras e os mesmos truques. Mais puxadas ou menos puxadas as criações de Wallace são sempre iguais. «Em Maré de Pouca Sorte» é mais uma e — sendo igual às outras, é, no entanto daquelas em que o seu trabalho não tem grande expansão, talvez porque a fita que Leslie Fenton dirigiu pretendia ser um produto industrial de resultados médios e despezas mínimas. Com efeito, quási tôda a acção se concentra e desenvolve em três figuras principais, apoiadas por alguns comparsas, e quási tôda decorre em «exteriores» de nenhuma responsabilidade e alguns recantos interiores.

Devemos, no entanto, salientar o interêsso e a emoção — portanto o valor — da seqüência da casa abandonada onde cometeram um crime que embora explorando um processo já conhecido e utilizando sem hesitação tôdas as situações apresentadas em cenas semelhantes, com a sua «corrente» encenação, digamos assim, consegue interessar o público e mantê-lo durante bom quarto de hora com respiração entrecortada. O trabalho de direcção de fotografia e montagem atinge nessa seqüência um bom nível.

Dolores del Rio com a sua beleza frágil e macerada tem trabalho simples onde não era preciso mais do que saber estar sem desaparecer. Cumpre essa obrigação. John Howard que na fita faz o tenente Oliver Clark, confirma as suas qualidades de galã sério, interpretando tôdas as cenas com muita sobriedade, muita correcção e muito agrado na plateia feminina. Em próximos programas John Howard deve ser um dos actores em que o público vem a reparar.

Donald Meek nome que o público já conhece, aparece fugazmente e repetido, isto é, tirado a «papel químico» doutras criações suas mais completas em qualidade e quantidade.

«Em Maré de Pouca Sorte» foi exibida com complementos interessantes onde notámos especialmente a comédia musical «A Filha do Mágico» que apresenta alguns truques já vistos mas sempre curiosos, uma viagem de Fritz Patrick a Delhy e uma «Parada da Vida» sôbre a «História do Trigo». Neste último «short» já cheio de interêsse porque aborda um assunto de muita actualidade são ainda dignas de menção a vivacidade do comentário de John Nesbitt e o poder de dramatização do arranjo da história de Mac Farlane, introdutor na América da cultura das sementes rijas do trigo, perseguido primeiro, rehabilitado depois quando os anos e as moléstias vieram demonstrar a evidência das suas previsões. — F. G.

QUADRO DE HONRA

No filme exibido em Lisboa na última semana, «ANIMATÓGRAFO» chama a atenção do público para o que nele merece atenção especial

«EM MARÉ DE POUCA SORTE» (M. G. M.)

— **A encenação e fotografia da cena da casa abandonada.**
— **As qualidades confirmadas por JOHN HOWARD, repetidas por WALLACE BEERY e lembradas por DONALD MEEK e DOLORES DEL RIO.**

«A HISTÓRIA DO TRIGO» (M. G. M.)

— **Bom complemento da série «Parada da Vida».**

ANNA NEAGLE

(Conclusão da pág. 9)

«Rainha Vitória», que foi aviador, dos mais distintos, na outra guerra, está contente por ir trabalhar num filme, que lhe permitirá servir a Aviação e o Cinema — duas das grandes descobertas do século XX, actividades a que consagrou os melhores anos da sua vida de trabalhador.

Conversa, no Tamariz

Anna Neagle demorou-se três dias, entre nós. Teve tempo de ir a Queluz, onde passou uma tarde deliciosa, na palácio que foi residência de reis, nas alamedas, bordadas de buxo e de árvores frondosas, onde parecem errar ainda as sombras das silhuetas românticas, que as povoaram.

No sabado, esteve no Tamariz. Uma manhã linda, levara à praia um mundo de gente, que brincava na água... Anna Neagle não escondia a pena de se não poder banhar. Está proibida de se «queimar». O sol prejudica a brancura da sua pele. Os contratos americanos descem até estes pormenores. E a vedeta limitou-se a encolher os ombros, num gesto resignado, e a comentar para René Beja — o activo gerente da Rádio-Filmes — que a acompanhava:

— Business is business...

«Negócios são negócios» de facto. E os milhões que ganha — valem bem o sacrifício dum banho de mar, apetecido, que ela não pôde tomar...

Herbert Wilcox disse-nos dos últimos êxitos da América:

— *Sargento York*, com Gary Cooper, é um filme colossal! *Fantasia*, de Walt Disney, um deslumbramento. *Citizen Kane*, de Orson Wells, um acontecimento extraordinário e invulgar!

Herbert Wilcox, quando fala, parece um latino, se uma coisa lhe agrada, etiqueta-a, imediatamente, com um adjectivo sonoro. Mas poucas obras o entusiasmam!

Falamos-lhe do seu último filme, *London House*. Wilcox precisa:

— Em primeiro lugar, o filme não é só meu. Se bem que conte uma história, de princípio ao fim — a história duma família através de diversas gerações — é concebida e realizada à maneira de *Carnet de Bal*. Cada realizador tem, à sua conta, um episódio e uma época. Em segundo lugar, o filme já não se chama *London House*, mas *Forever and one day*. Concluí o «sketch» que me fôra destinado. Dezóito artistas, de nomeada, todos ingleses, entre os quais Anna Neagle, C. Aubrey Smith, Claude Rains, Ray Milland, Patric Knowles e Ray Bolger, desempenharam os principais papéis. Leo Mac Carey e Robert Stevenson terminaram a parte que lhes dizia respeito. O filme encontra-se assim quási pronto. Tudo o que lhe posso dizer é que será uma obra curiosa, original, com o mérito de apresentar muitas vedetas, dentro duma história apaixonante. E será longo, pois calculo que a sua exibição demorará cêrca de três horas.

A história duns limões

Anna Neagle conta-nos, a seguir, uma história engraçada. Enquanto esteve em Nova-York recebeu múltiplas homenagens de admiradores. O quarto do seu hotel ficou cheio de flores. E o chefe de publicidade da RKO-Radio, na despedida por brincadeira, levou-lhe uma caixa com uma dúzia de limões, limões magníficos, «gigantes da Califórnia»...

— Se Anna Neagle enjoasse, durante a viagem, poderia morder um fruto e o mal-estar desapareceria...

O certo é que os limões vieram com ela no «Clipper». O que não é de estranhar: estão quási pelo preço das pedras preciosas... Mas, à sua chegada a Lisboa, a caixa dos limões desaparecera...

Na manhã seguinte, um criado batia à porta do quarto. Era um embrulho. Um presente, talvez! E Anna Neagle, ao desembrulhá-lo, verificou que se tratava nada mais nada menos, de que a preciosa caixa dos limões da Califórnia, que tinha vindo com ela, pelo ar, de Nova York até Lisboa — e que por milagre da organização dos serviços aéreos, lhe ia parar às mãos em pleno Estoril.

Quando a vedeta partiu para Londres, sobraçava, amorosamente o seu tesoiro...

E nunca o funcionário da RKO-Radio, de Nova-York, ao oferecer-lhe o seu presente, supôs que êle seria o fecho duma crónica sôbre Anna Neagle, e muito menos que ela o apreciaria ao ponto de ter feito alguns milhares de quilómetros pelo ar — sem se separar dos saborosos frutos...

F. F.

O Correio de Bel-Tenebroso

1058 — CARMENCITA EAST *(Funchal)*. — Se gostei dos versos?! São lindos! Em português, há uma quadra que se parece muito com a primeira. — Fico esperando uma grande carta tua, mesmo em prosa...

1059 — PRINCIPE DA MEIA-NOITE *(Paço de Arcos)*. — Compreendo perfeitamente o teu amor pelo cinema e o teu entusiasmo por *Animatógrafo*. Um e outro são valores entendidos. Não é possível gostar de um, sem apreciar o outro. — Agora, que me encontro em Caxias, a dois passos da vila onde vives é que vejo a razão que vos assiste, quando se queixam de que lutam com dificuldades para ver bons filmes. Se em Paço de Arcos, em pleno verão, só há uma sessão por semana! — Na segunda versão de *A Piedosa Mentira de Nina Petrowna*, os protagonistas foram Fernand Gravey e Isa Miranda, esta na personagem que Briggitte Helm criou na versão silenciosa.

1060 — DONALDA. — *(Lisboa)*. — A tua carta deixou-me deslumbrado! Tem o sabor reconfortante dum regresso ao lar. Não matei o vitelo para o banquete, com que foi homenageado o filho pródigo, mas mandei queimar vistoso fogo, sôbre as águas mansas do Tejo... — Quem me ler, o que dirá? Mas não! Desta vez, ainda, não perdi o juízo... E se continuavas a escrever-me naquela letra, talvez acontecesse o miôlo dar uma volta perigosa... — Fica assente a tese definitiva das duas pessoas distintas. — Adorável a caricatura que me enviaste. Lá, como cá... — Não recebi livro algum sôbre C. C.! Não haverá engano? — A carta da matemática (que trabalho para a descobrir!) é muito graciosa. Mas contigo, já sabes, não é assim! — Dizes-me que a Crawford está mais magra e com os olhos maiores. Deve estar mais bonita, por isso. «Um mundo íntimo» vasto?! Como gostava de conhecer o verdadeiro significado da frase! — Espero ler-te novamente. E escreve, à máquina, como desta vez, que é desta letra, assim, que eu gosto!

1061 — ADORO UNS OLHOS VERDES *(Pôrto)*. — De todos os pseudónimos que sugerias, preferi êste! — Podes escrever em português, à Deanna Durbin a solicitar a ambicionada foto. O enderêço é: Universal Studios, Universal City, Hollywood, Califórnia — A Jean Arthur e a Ann Rutherford, mandam foto, com certeza. — Escreve à Maria da Graça por intermédio da nossa revista. Ela enviar-te-á, de certeza, uma foto autografada.

1062 — SAMORI APAIXONADO *(Espinho)*. — Não há paixões, sem espinhos... — Nada mais fácil, obteres uma foto da

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

Gracinha. Escreve-lhe ao cuidado da nossa revista e recebe-la-ás. Vais ficar surpreendido quando a vires no *Pai Tirano*. Se ela já era ídolo dos cinéfilos portugueses, vai tornar-se na autêntica «coqueluche» das platéias nacionais. — *A Verdadeira Glória* era um filme «public», como diziam os franceses. No entanto, via-se com muito agrado. O final, com o ataque ao forte, era empolgante.

1063 — ANTINEA. — Estamos tratando de, nas separatas, não repetir as fotos dos artistas. Dentro em breve, daremos os retratos de Paul Muni e Robert Donat. Tens que dar tempo ao tempo, *Antinea* amiga. A tua homónima do romance de Pierre Benoit tinha essa virtude importantíssima de saber esperar! — O entusiasmo dos portugueses pela Maria da Graça é 100 por cento compreensível. É a primeira vedeta-jovem do nosso cinema, com um físico que rivaliza com as suas colegas americanas.

1064 — CALOIRO CINÉFILO *(Coimbra)*. — Já tenho explicado aos meus leitores, que as cartas são lidas e arquivadas com o respectivo número, à medida que as vou recebendo. — Já publicámos a lista dos vencedores da Academia, em anos sucessivos, desde que os prémios foram instituídos. — E quanto à demora das respostas, tem paciência...

1065 — BENJAMINA. — Um pião dentro dum coração é um adorável símbolo de inconstância. É só puxar a corda, e o coração rodará incansàvelmente... Toca música também?! A «apaixonata»?! — Muito graciosas as tuas piadas aos que criticam as estrêlas e estão sempre prontos a achá-las velhas e em «ruínas»... É uma tendência nacional: apareceu a Lilian, era velha! A Pola Negri, velha era... Estou como tu: velhos são aqueles que não têm olhos para as achar novas e apetecíveis! — Finalmente, viste *O Monte dos Vendavais!* Aquele amor só tem algo de extraordinário, não na constância de Heathcliff, como tu dizes, mas sim em andar de mãos dadas com o ódio... Os extremos tocam-se, bem sei. Mas êle era, não há dúvida, um «alma de diabo».

1066 — CONDE MISTERIOSO. *(Lamego)*. — Transmiti, oportunamente, à Direcção do *Animatógrafo* a tua sugestão sôbre um inquérito dirigido ao público cinéfilo.

1067 — POETA CINÉFILO *(Setúbal)*. — Poeta cinéfilo?! E de Setúbal?! Serás o Bocage?! O Bocage, de Leitão de Barros, já se vê!... — Ficas inscrito na galeria *(sic)* dos meus consulentes. E estás dispensado de me escrever em verso.

1068 — OSWALDO DE SÁ *(Algés)*. — A máquina que serviu para dactilografar a tua carta deve sofrer de miopia... Nunca vi, com efeito, «tipo» tão miudinho... A irmã de Mickey, no filme a que aludes, é a June Preisser. — Podes escrever-lhe para a Metro — Espero que, a estas horas, já tenhas recebido a ansiada foto da *Maria da Graça* — Cheguei ao fim da tua carta sem bocejar, como tanto receavas...

1069 — CINÉFILO APAIXONADA *(Lisboa)*—O problema dos «complementos» é certamente um dos mais interessantes da produção nacional. No entanto, ainda não pôde ser resolvido, de forma satisfatória. — Com o maior prazer responderei a tôdas as tuas cartas.

1070 POLLY *(Lisboa)*. — Registo que estás segura da minha identidade... Não te quero desanimar!... Mas há muitas pessoas que têm essas presunções, sem qualquer fundamento... — O teu pseudónimo parece-me encantador. — Podes tratar-me por tu. É o único tratamento admissível dentro desta Secção. — *Gone with the wind* ficou para a época de 1942-43. É uma triste notícia, mas que fazer?!

1071 — SONHADOR *(Lisboa)*. — Podes escrever à Dorothy Lamour a à Claudette Colbert para Paramount Studios, Hollywood, Califórnia, — Myrna Loy, Metro Goldwin Mayer Studios, Culver City, Califórnia. — Betty Grable: 20th Century-Fox Studios, Box 900, Hollywood, Califórnia.

1072 — ESTÊVÃO MACHADO AVILA *(Horta)*. — Para poderes ser admitido no Clube do Animatógrafo deverás solicitar à Direcção da nossa revista. Não te esqueças de indicar nome morada, profissão e idade e a declaração de que já vais ao cinema há mais de dez anos.

1073 — NECA DO CINEMA *(Lisboa)*. — Maureen O'Hara aparecerá êste ano em diversos filmes que ainda não têm título português. — Charles Boyer teve em *Traição* uma das suas melhores criações. — A Academia Americana atribuiu a *Rebecca* o prémio devido ao melhor filme do ano.

1074 — UMA GAIATA CINÉFILA *(Lisboa)*. — De todos os pseudónimos prefiro *Uma rapariga que gosta de cinema*, muito embora o de *Uma admiradora de Bel Tenebroso* lisongeasse a minha vaidade... Mas por isso mesmo opto pelo outro. — Ignoro se *Pureza* será estreado esta época em Portugal. — Continuas a ser muito curiosa, com respeito à minha identidade...

1075 — PRINCIPE TÁ TÁ *(Lisboa)*. — Estou convencido de que «...tás» maluquinho de todo!... Então tu queres que eu te dê a idade de 50 (cinqüenta, repara bem!) vedetas da tela! Como sabes, não são permitidas mais de três preguntas por carta. De modo que aí vão as idades de três estrêlas: Janette Macdonald, 34 anos; Irene Dunne, 34 anos; Paulette Godard, 20 anos.

1076 — SHIRLEY AVIADORA *(Lisboa)*. — Pelo que me contas, viste todos os bons filmes da temporada finda. Felicito-te Shirley amiga. — A tua homónima recomeçou, finalmente, a trabalhar. É a vedeta de *Kathleen*, que Norman Taurog está a dirigir. — Transmito as tuas saudações a *Tony*, *Carlos Ribeiro*, *Bob Taylor*, *Gosto de Beijos*, *Benjamina* e *Sem Amor*.

1077 — CAPITÃO BLOOD *(Carcavelos)*. — Escreve-me sempre por que queiras. Com o maior prazer te atenderei.

1078 — MAFARRIQUINHO LOIRO. — O galã Igrejas Caeiro, de quem tu falas com tamanho entusiasmo não está previsto para filme algum. O que não quere dizer que não volte a aparecer, dentro em breve. — Fiquei ciente de que és uma rapariga encantadora e um pouco «destravada», à maneira da Carole Lombard.

1079 — REI DOS OPTIMISTAS *(Lisboa)*. — Katherin Hepburn, contra o que tu pensavas, não deixou o cinema. No ano que vem, vê-la-emos em *Casamento Escandaloso*, ao lado do Cary Grant e do James Stewart. Podes dirigir a tua carta para a Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia.

1080 — RAPAZ DE ALPIARÇA *(Alpiarça)*. — Este leitor declara-me que gostaria de ver, nas colunas desta secção, mais cinéfilos da vila ribeirinha, onde vive. — O galã a que te referes é casado. — *Rapaz de Alpiarça*, que declara ter dezassete anos, gostaria de corresponder-se com leitoras da mesma idade.

1081 — PINOCCHIO *(Pôrto)*. — Não me surpreendo nada que te hajas «apaixonado» pela Maureen O'Hara. Ficaria admirado, sim, se a Helen Troy ou a Edna May Oliver fôssem os objectos dos teus amores platónicos. — Podes escrever-lhe para a RKO-Radio Pictures, 780, Gower Street, Hollywood, Califórnia. — Transmiti oportunamente a carta que enviaste para Elisa Carreira.

1082 — CONDE AXEL DE FERSEN DA SUÉCIA. — Para o ano verás Jeanette Macdonald em *Bitter Sweet*, que, entre nós, se chamará *Sempre Noivos*, e em *Lua Nova*. — Escreve a Grace Moore para Columbia Pictures Studios, Hollywood, Califórnia. — Lana Turner tem 21 anos.

1083 — DUQUE DE WEST-POINT *(Lisboa)*. — Como tu, não compreendo como o Jackie Coogan deixou «fugir» a Betty Grable. Hollywood é uma cidade de mistérios... E êste é um dêles.

Bel-Tenebroso

PREGUNTAS DE ALGIBEIRA

(Soluções)

1 — Elisabeth Bergner.
2 — Robert Taylor.
3 — «Inferno Verde».
4 — William Dieterle.
5 — Cadeia.
6 — Alice Faye.
7 — Ricardo, Coração de Leão.

Maureen O'Hara necessitou — como necessitam tôdas as artistas de cinema — de se fazer discípula de Terpsichore.

O cinema exige deveres, impõe sacrifícios.

Maureen — que vemos nestas fotografias — sacrificou-se, dispondo-se a trabalhar horas seguidas, num regime duro e violento.

O director de bailados Matsy, que tem ensaiado os melhores bailarinos de Hollywood, foi escolhido por Maureen para seu professor.

Aqui os vemos em três fases duma lição. Reparemos na graciosidade e na beleza de Maureen.

Digam as leitoras: não lhes apetece imitá-la, a bem da saúde e de tão apregoada «linha»?







MAUREEN O'HARA

aprende a dançar

Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



ANNA NEAGLE teve a gentileza de autografar esta linda fotografia, que é um dos seus mais recentes retratos

ESTE NÚMERO CONTÉM UM RETRATO BRINDE: BRENDA JOYCE